

7

Considerações finais

*“...lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir,
com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.
A memória não é sonho, é trabalho.”
Ecléa Bosí⁷⁵*

Chego às páginas finais desse trabalho de pesquisa certa de que sua elaboração foi, ela mesma, estruturadora da análise apresentada. A intenção de reconstruir sentidos a partir das memórias, ciente de que as mesmas não recuperam uma história, mas possibilitam a aproximação dos fatos a partir das leituras e interpretações dos sujeitos, norteou a tarefa e propiciou mudanças pelo caminho. Perseguindo a intenção de compreender o processo de criação do Instituto de Educação de Nova Friburgo, situado num tempo e espaço específicos, e dessa forma acessar sua construção identitária como instituição educativa voltada à formação de professores/as, os diferentes indícios mapeados foram dando contornos possíveis respostas às questões inicialmente formuladas.

Optei pelo cruzamento de fontes de pesquisa que me permitissem construir novos sentidos para o IENF, trazendo em sua identidade, quase trinta anos depois, as marcas de uma fundação ímpar, perpassada por conflitos e tensões. As memórias daqueles/as que trabalharam ou viveram sua formação naquele espaço, dialogando com artigos de jornais e documentos legais produzidos na época de sua fundação, possibilitaram a (re)construção da memória do próprio Instituto. Uma memória marcada por continuidades e rupturas, idas e vindas, e também pelo silêncio acerca seus primeiros anos.

Instalado num momento de intensa movimentação política no país, após anos de ditadura militar, e envolto pelo desejo de construção de uma sociedade democrática e de uma educação que se afinasse a esse ideal, a memória do Instituto de Educação de Nova Friburgo se constrói entrelaçada à história da educação no Estado do Rio de Janeiro, marcada especialmente pelas políticas públicas para a área implementadas durante o Governo Leonel Brizola (1983-1986). Sob forte influência do pensamento de Darcy Ribeiro na educação, embora o Instituto não apareça diretamente elencado como produto dos ideais previstos no Programa Especial de Educação, os dados analisados e apresentados

⁷⁵ Bosí, 1994, p.55.

nessate se permitem compreender como a concepção de uma formação de professores/as renovada, construída sobre novas bases, nasceu afinada ao projeto educativo então dominante nas diretrizes estabelecidas para o Estado. Mais que isso, sua concepção como escola democrática e com princípios considerados então atuais e progressistas só encontrou lugar naquele momento específico, quando o governo estabelecera a educação como prioridade, e os/as filhos/as da classe trabalhadora como principal alvo dessa educação.

A aproximação entre a idealização do IENF, exposta no documento *Ideologia*, e aquela apresentada para os CIEPs, conforme *O Livro dos CIEPs*, corrobora essa ideia. Embora não haja identificação entre os mesmos, esses ideários dialogam em certos aspectos, expressando o projeto de educação preconizado naquele momento.

A proposta do IENF, bem como aquela elaborada para a educação estadual, implicava na crença no poder transformador da educação. Implicava, também, no desejo de oferta de uma educação de qualidade às classes populares, e a certeza de que isso só se daria através de uma verdadeira revolução educacional, em que a antiga visão do trabalho escolar, caracterizado como formal, magistocêntrico, excludente e opressivo, fosse substituído por uma nova concepção em que essa atividade tivesse como centro o/a aluno/a, seus interesses, aptidões e necessidades, objetivando seu desenvolvimento integral. Certa influência de ideais do movimento da Escola Nova, bem como um viés fortemente marcado pela Psicologia, em especial pelo construtivismo piagetiano, aparecem implícitos nesse ideário.

Antes mesmo da elaboração de sua proposta, contudo, a memória do Instituto aparece permeada por tensões e disputas, desde o local escolhido para sua acomodação: o prédio histórico no centro do município de Nova Friburgo, inaugurado na década de 30 para abrigar o Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, então Escola Estadual Ribeiro de Almeida. Criado por força de decreto, o IENF atendeu às aspirações de uns/umas, que ansiavam por esse novo projeto para a educação e, conseqüentemente, para a formação docente, e desinstalou outros/as, que viram seu espaço e sua história esfacelados em detrimento de um “novo” do qual não faziam parte.

A compreensão desse objeto de pesquisa apontou para o lugar como elemento essencial para a constituição identitária do IENF. Foi ele o primeiro

ponto de discórdia nessa história, já que uma escola foi desalojada para que o Instituto fosse ali alocado. Enquanto eram dados os primeiros passos para a efetivação do projeto de criação do IENF, ainda em 1985, os agentes diretamente envolvidos nesse processo – professores/as e funcionários/as da EERA, do CEJE e do CEFC, alunos/as que cursavam ou pretendiam cursar a formação de professores/as naquele momento, pais e responsáveis – se mobilizavam para oferecer apoio ou firmar sua recusa à proposta.

Diferentes ações marcaram a tentativa de manter viva a Escola Estadual Ribeiro de Almeida, tendo como principal argumento a afirmação de sua tradição na educação do município. O fato levou a discussão para fora dos portões do colégio, tornando-se manchete nos jornais e motivo de discussão na Câmara de Vereadores. Abaixo-assinados e protestos marcaram aquele primeiro momento, tentando manter os/as alunos/as e professores/as na escola do centro.

A mobilização de frentes políticas do município em torno da questão certamente atendia ao apelo da população. Entretanto, despontava, também, como um anúncio de que as demandas relacionadas ao IENF não seriam discutidas apenas no âmbito pedagógico, mas se tornariam divergências igualmente no campo político-partidário, já que o grupo que chegava para instalar o Instituto vinha com a chancela do governo do Estado através do apoio do então diretor do CREC, também vereador no município pelo PDT. Esse fato, e a participação de aluno/as e professores/as do IENF nos acontecimentos da cidade, alimentaram os debates em torno, primeiro, da instalação em si do Instituto; depois, de seus ideais e práticas. E essas disputas pelo poder reproduziam, é claro, aquelas vividas no Estado e no país, no bojo de um momento histórico em que diferentes grupos políticos e sociais lutavam para legitimar seu pensamento.

O IENF foi concebido, em todos os aspectos, como uma opção não apenas pedagógica, mas política. O objetivo proposto para ele e para a formação de professores/as previa a inserção de sujeitos críticos e criativos no mundo social, capazes de fazer escolhas e de transformar a sociedade em prol de um ambiente democrático e participativo. As tentativas de concretizar esses ideais, através das práticas estabelecidas, inevitavelmente extravasavam o ambiente escolar, aliciando adeptos ou estabelecendo distâncias.

Num primeiro momento, o diálogo parece não ter sido possível; para os favoráveis à ideia, o IENF precisava acontecer: como compreender resistências e

tentativas de frustrar a efetivação dos ideais propostos? Para os que se opunham, porém, os *fundamentos* sobre os quais as práticas do Instituto foram arquitetadas serviram, ao contrário do que se pretendia, como motivo de críticas ainda mais acirradas e, por vezes, de acusações.

E foi exatamente o principal fundamento de todo o projeto IENF, a liberdade, que mais divergências trouxe no tocante à gestão e às práticas consideradas inovadoras do Instituto. Compreendida a partir de uma íntima relação com a responsabilidade, o respeito e a autonomia, dentre outros, foi interpretada por muitos como permissividade, e por isso questionada em sua aplicação numa escola que atendia a crianças e jovens. Os ideais de uma escola democrática em seus princípios, aberta a todos/as e sem regras estabelecidas verticalmente provocou ora paixões, ora resistências. E os debates em torno do Instituto tornavam-se cada vez mais acirrados.

No trabalho cotidiano, não havia consenso também entre os professores/as. Exatamente por isso, alunos/as de todos os segmentos conviviam com opções e práticas distintas, por vezes antagônicas. Especificamente na formação de professores/as, a inserção do grupo considerado progressista foi ainda mais difícil, já que os demais não abriam espaço para esses profissionais no núcleo das chamadas disciplinas pedagógicas. Assim, a prática dos estágios e as oficinas passaram a ser utilizadas como estratégias para a veiculação das novas ideias, fomentando a criatividade, a diversidade e a inovação. A participação nas decisões do colégio e em situações do cotidiano do município davam a essa formação, ainda, um viés que pretendia ser crítico. Pelos meios possíveis, as novas ideias iam sendo introduzidas. Sua aceitação, contudo, nunca chegou a ser consenso, nem mesmo entre alunos/as, que guardam daqueles momentos memórias ambíguas.

Essa parece ter sido a principal característica da formação de professores/as vivida naquele momento do IENF: a convivência com referências distintas, apontando para declarações identitárias concorrentes que, embora coexistissem, resistiam ao diálogo. Exatamente por isso, viver o IENF exigia fazer escolhas e posicionar-se. Muitos/as, no entanto, talvez vivessem esse processo continuamente, já que suas opções não se davam sempre sobre bases sólidas; mudar de opinião e de posição era possível, representando um constante ir e vir, especialmente para jovens em momento de formação inicial para a profissão,

provocando desestabilizações. Se não para todos/as, essa vivência certamente ajudou a formar *habitus* profissionais e, ainda, a estabelecer maneiras singulares de aderir à docência: sem a possibilidade de conformar-se cegamente a modelos prontos, a constante instabilidade, embora amedrontadora para alguns/mas naquele momento, poderia firmar-se como abertura à reflexão, tomada de decisões e criação.

As memórias de estudantes que passaram pelo IENF já em meados da década de 90 indicam que os ideais inovadores preconizados naquele momento fundante do Instituto não vingou. Com a exoneração da direção que inaugurou o Instituto, um discurso voltado ao diálogo e ao consenso começara a ser construído, e alterações nas práticas visíveis demonstram que os princípios foram, aos poucos, sendo modificados, e uma imagem linear e livre de contradições parece ter sido construída. Esse processo talvez esteja também relacionado aquele vivido na educação do Estado; esse trabalho não se propôs a tal investigação.

O silêncio acerca das tensões vividas em meados da década de 80, durante os primeiros anos do Instituto, e da proposta então considerada progressista, que impulsionou práticas inovadoras para aquele momento, diz alguma coisa. Firmar-se como estratégia final para deslegitimar a tentativa de implantar no IENF uma nova proposta para a formação de professores/as, não pela sua negação, mas pela filiação daqueles/as que lá permaneceram a um ideal diferente. A construção de uma identidade linear, sem conflitos ou divergências, destitui de seu lugar as marcas do dissenso e nega as rupturas, referendando uma identidade constituída por permanências que reafirmam a tradição daquela instituição de ensino, ligando a memória do Instituto à da EERA. Esse é, talvez, o maior indício de que a proposta do IENF não foi adiante, já que sua intenção era promover a criticidade, a criatividade, o posicionamento consciente.

Se hoje, distantes no tempo, *nós não somos os mesmos*, o trabalho de lembrar, de rememorar, implicou, no próprio ato, a possibilidade de ressignificar. “*Obrigada pela oportunidade de reviver as lembranças felizes que vivi*” ou “*Olha, eu já nem me lembrava mais disso...*” são afirmações que indicam o processo interno de reelaboração dos fatos vividos por sujeitos que, dispostos a partilhar suas próprias experiências, se colocaram na relação com esse outro que é o pesquisador. Como no texto apresentado como prólogo desta tese, escrito por um/a dos depoentes.

A pesquisa, tendo como chão as memórias construídas num campo particular de ação, certamente esbarra em certos limites. *Se fica o que significa, é certo que a memória nos permite acessar apenas parte das informações e dos fatos. Essa era a parte, porém, que nos interessava nessa investigação. Construir sentidos para aquilo que ficou e que, portanto, na história do IENF, e na visão de sujeitos que fizeram parte dessa história, significa. Outras frentes certamente poderão ser abertas a partir dos dados aqui trazidos, explorando não apenas a história do próprio IENF e seu papel na formação docente no município de Nova Friburgo, mas também - e principalmente, do meu ponto de vista – as experiências vividas nas unidades escolares e sua relação com diretrizes locais e estaduais.*